

Viagens na nossa terra

Escreverem um pequeno texto, no registo que entendessem, sobre um lugar, uma terra, uma região, um percurso por qualquer motivo de sua especial preferência, e que porventura (mas não necessariamente) pudessem constituir sugestões para viagens ou visitas nesta época de verão e de férias para a maioria dos que as podem ter - foi o desafio que lançamos a 17 conhecidos escritores de várias gerações. As suas interpretações da solicitação foi bastante diversa e o resultado, muito interessante e estimulante, com a seguir se lê



A Costa Nova

Alice Vieira

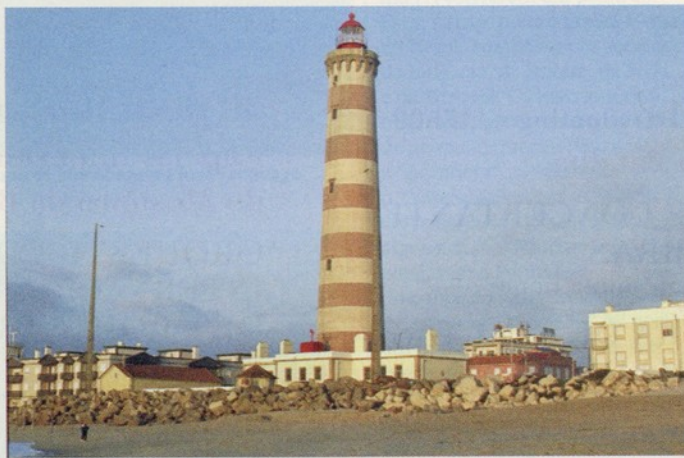
Ruy Belo chamava às esplanadas "as nossas pequenas pátrias provisórias". Completamente dependente de esplanadas, vou estabelecendo muitas pátrias dentro da minha. Mas há aquelas que se guardam apenas na memória, aquelas que só de longe em longe visitamos - e aquelas a que voltamos sempre. A Costa Nova (com o prolongamento da Barra acoplado) é a pátria a que todos os anos regresso no verão. Mas também às vezes no outono. E também às vezes no inverno. Pátria é onde um homem (e quando um homem) quis. Tenho de adormecer a olhar para o farol, tenho de acordar a olhar para o farol. Tenho de me embrulhar em casacos e camisolas de lã no pino do verão, porque senão nem é verão nem é nada, e a gente até pode pensar que está, sei lá!, (bater três vezes na madeira) no Algarve.

Dantes a Costa (cá em casa a Costa foi sempre só uma, a Nova e mais nenhuma), tinha a ria a

entrar quase até às casas da avenida. Apanhava-se o barco num pequeno ancoradouro que agora é posto de turismo, e os novatos olham e não percebem por que é que aquilo tem o feitio da proa de um moliceiro... Dantes apanhava-se aí o barco e ia-se à "bruxa", do outro lado da ria. Passávamos a tarde a beber ginjinha e a jogar matraquilhos. Houve campeonatos famosos... Depois a terra entrou pela ria dentro, e as coisas nunca mais foram o que eram.

Dantes na Costa vendia-se o refugio da loiça da Vista Alegre - com aqueles minúsculos defeitos que o nosso olhar de simples mortal não descobria mas que fazia com que fosse vendida ao preço da chuva. Agora há loiça turística, com a cara do Papa e de Nossa Senhora.

A Costa/Barra tem o mais belo pôr do sol do mundo. A Costa/Barra tem a praia mais limpa do mundo: seja a que horas for, seja a que dia for (fins de semana incluí-



Costa/Barra "Adornecer a olhar para o farol, (...) acordar a olhar para o farol"

dos) não se vê um papel na areia.

A Costa/Barra tem o melhor rodovial do mundo. E as melhores enguias do mundo.

E sobretudo é a pátria incontestada...da tripa. Há quiosques do Zé da Tripa em todas as esquinas. (E, por favor, não confundir com bolacha americana, que um velho-te anda a vender pelas praias!) Há filas para comprar tripa até depois da meia noite. Há quem vá para marcar lugar para amigos, há quem vá com uma lista de encomendas ("duas simples", "três com doce de

ovos", "meia dúzia com chocolate") e o maralhal a aguentar até chegar a sua vez.

E nada de refilar: estamos todos unidos na veneração por uma maravilha gastronómica que só ali existe.

Sei que há infelizes que nunca a provaram, e ignorantes que nem sabem o que isso é. Dizer que leva farinha, ovos, açúcar, manteiga, que é uma espécie de massa de crepe enrolada, mas muito mal passada -- não quer dizer absolutamente nada, porque não é isso.

O "Zé da Tripa" é um verdadeiro empório, que já deve ir para aí na terceira ou quarta geração. Lembro-me de estar um ano no Salão do Livro de Genève, com aquele ar com que todos nós ficamos quando estamos há mais de uma semana na Suíça - e de repente, oh visão criadora!, avisto um quiosque do Zé da Tripa no meio dos restaurantes internacionais daquele internacionalíssimo Salão! Foi o delírio...

Mas a Costa/Barra é também o lugar onde as pessoas se podem vestir da maneira que entenderem porque ninguém liga nenhuma; onde o posto de correios nem sempre tem selos mas tem sempre CD's da Filarmónica Gafanhense; onde há lojas de chineses, claro, mas também lojas que vendem tudo e (ainda) não são de chineses - e uma até tem um bicho empalhado à entrada, que diz uma asneiro-la quando se passa pela frente e é, como se compreende, grande atração turística.

A Costa é a avenida com os palheiros às riscas, e nós a sonharmos passar a nossa velhice lá dentro, debruçados das janelas viradas todas para a luminosidade única da ria, e o som dos bonecos de madeira a meterem golos na baliza do adversário. JL